

Felipe Rodrigues Torres

**Pornografia e fatores psicológicos:
relações entre o consumo, impulsividade, solidão e apego**

Uberlândia

2025

Felipe Rodrigues Torres

**Pornografia e fatores psicológicos:
relações entre o consumo, impulsividade, solidão e apego**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial para a
obtenção do Título de Bacharel em Psicologia
Orientador: Pedro Afonso Cortez

Uberlândia

2025

Felipe Rodrigues Torres

**Pornografia e fatores psicológicos:
relações entre o consumo, impulsividade, solidão e apego**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia
Orientador: Pedro Afonso Cortez

Banca Examinadora

Uberlândia, 24 de setembro de 2025

Prof. Dr. Pedro Afonso Cortez (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Prof. Dr. Joao Fernando Rech Wachelke
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Me. Rodrigo Prado Pereira
Universidade Tuiuti do Paraná / Polícia Federal – Curitiba-PR

Uberlândia
2025

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que tive a oportunidade de conhecer ao longo destes anos de graduação. Acredito que o que dá sentido ao que fazemos em vida está, inevitavelmente, relacionado às pessoas com quem cruzamos o caminho.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia por todo o apoio e por oferecer um ambiente propício ao aprendizado e à pesquisa. Aos meus professores, pela partilha generosa de conhecimentos, que contribuíram de forma significativa para minha formação.

Em especial, agradeço ao Dr. Leonardo Gomes Bernardino, pela paciência, apoio e partilha de saberes ao longo dessa jornada. Ao professor Dr. Pedro, pelo acolhimento e auxílio na conclusão deste trabalho. Ao professor Dr. Alexandre, pelas valiosas trocas no estágio, que muito contribuíram para o meu desenvolvimento profissional. E ao professor Dr. Paulo, pelos conhecimentos transmitidos que ampliaram minha visão acadêmica e pessoal.

Agradeço também aos meus amigos, colegas de curso, à minha namorada e, de maneira muito especial, à minha mãe Claudiceia, por todo o apoio e incentivo durante esses anos.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, mesmo não estando mais entre nós, contribuíram direta ou indiretamente para o avanço do conhecimento científico. Um agradecimento especial a Charles Darwin e B. F. Skinner, cujas ideias contribuíram muito para minha compreensão da Psicologia.

Resumo

O consumo de pornografia é um fenômeno que vem se expandindo no mundo todo e tem influenciado a vida de uma parcela considerável de indivíduos. Este estudo teve como objetivo investigar as relações entre o consumo de pornografia, impulsividade, solidão e os estilos de apego ansioso e evitativo. O estudo foi realizado de maneira transversal e contou com 172 pessoas ($M = 25,8$; $DP = 7,7$). Os participantes responderam cinco instrumentos durante a pesquisa: 1) questionário sociodemográfico; 2) escala de consumo problemático de pornografia; 3) versão abreviada da escala de impulsividade; 4) escala Brasileira de solidão; e 5) *Experiences in Close Relationship Scale* – reduzida. Os resultados mostraram uma relação positiva e significativa entre os índices de consumo problemático de pornografia com os indicadores de: solidão, impulsividade e o apego inseguro (apego ansioso ou apego evitativo). Além disso, foram encontradas relações significativas entre: os níveis de solidão e impulsividade; apego inseguro e impulsividade; apego inseguro e solidão. Ademais, observou-se que indivíduos divorciados ou separados apresentam níveis de solidão significativamente mais elevados do que aqueles casados e em relacionamento sério e também indicam que solteiros têm maiores níveis de apego inseguro em relação aos casados ou indivíduos em relacionamentos sérios. Esses achados contribuem para a compreensão do fenômeno do consumo de pornografia, ressaltando sua relação com aspectos emocionais e interpessoais.

Palavras-chave: Pornografia; Impulsividade; Solidão; Apego; Relações Interpessoais.

Abstract

Pornography consumption is a phenomenon that has been expanding worldwide and has influenced the lives of a considerable number of individuals. This study aimed to investigate the relationships between pornography consumption, impulsivity, loneliness, and anxious and avoidant attachment styles. The study was cross-sectional and included 172 people ($M = 25.8$; $SD = 7.7$). Participants completed five instruments during the study: 1) a sociodemographic questionnaire; 2) a scale of problematic pornography consumption; 3) a shortened version of the impulsivity scale; 4) a Brazilian Loneliness Scale; and 5) the Experiences in Close Relationship Scale – Short. The results showed a positive and significant relationship between rates of problematic pornography consumption and indicators of loneliness, impulsivity, and insecure attachment (anxious or avoidant attachment). Furthermore, significant relationships were found between levels of loneliness and impulsivity; insecure attachment and impulsivity; and insecure attachment and loneliness. Furthermore, it was observed that divorced or separated individuals present significantly higher levels of loneliness than those who are married or in committed relationships and also indicate that single individuals have higher levels of insecure attachment than those who are married or in committed relationships. These findings contribute to the understanding of the phenomenon of pornography consumption, highlighting its relationship with emotional and interpersonal aspects.

Keywords: Pornography; Impulsivity; Loneliness; Attachment; Interpersonal Relationships

Sumário

1. Introdução	8
2. Método	16
2.1. Participantes	16
2.2. Material e Equipamento	16
2.3. Procedimento	18
2.4. Análise de Dados	19
3. Resultados	20
4. Discussão	25
5. Referências	30

1. Introdução

O consumo de pornografia é um fenômeno que vem ganhando atenção nos últimos anos. De acordo com a plataforma Semrush (2024), no mês de junho de 2024, o site “pornhub.com” foi o sétimo site mais acessado no mundo inteiro com 5,2 bilhões de visitas. Por sua vez, o site “xvideos.com” foi o décimo terceiro site mais acessado do mundo com 3,59 bilhões de visitas. Ainda de acordo com a plataforma, no contexto brasileiro no mesmo mês, o site “xvideos.com” foi o quarto site mais acessado com 580,44 milhões de visualizações, enquanto o “pornhub.com” foi o décimo site mais acessado com 245,15 milhões de visitas.

Neste contexto, Dwulit e Rzymiski (2019) encontraram em sua pesquisa com 6.463 estudantes universitários poloneses, uma prevalência de 78,6% de exposição autodeclarada à pornografia, sendo que o consumo foi semelhante em homens e mulheres. Além disso, a idade média da primeira exposição a esse tipo de conteúdo foi aos 14 anos. Já no estudo de Solano et al. (2018) que foi conduzido nos Estados Unidos, a partir de uma amostra de 1.392 pessoas, foi encontrado que 91,5% dos homens e 60,2% das mulheres haviam consumido material pornográfico no mês anterior ao momento da pesquisa.

Os estudos têm adotado a estratégia de analisar o consumo de pornografia utilizando perguntas direcionadas a um momento temporal mais próximo ao da pesquisa, pois isso reduziria o viés de memória. Por exemplo, Regnerus et al. (2015), em sua pesquisa com 2.037 participantes, encontraram que 46% dos homens e 16% das mulheres assistiram pornografia na semana anterior à da pesquisa. No entanto, ao perguntar sobre o consumo no ano anterior à da pesquisa, as taxas encontradas foram de 69% dos homens e 40% para mulheres. No contexto não-ocidental, com uma amostra de 15.027 participantes obtida em países árabes, foi relatado que 88,6% dos participantes visualizaram pornografia no ano anterior ao da pesquisa (Eljawad, et al., 2020). Já um estudo conduzido no Japão com 150 estudantes universitários de 20 a 26

anos encontrou que 97% dos homens e 35,9% das mulheres assistiram pornografia pelo menos uma vez no mês anterior ao da pesquisa (Okabe et al., 2021).

Os dados apresentados revelam um consumo elevado de pornografia ao redor do mundo, o que é um indicativo de comportamento de hipersexualidade. O termo hipersexualidade engloba diversos comportamentos, como masturbação excessiva, visitas a clube de strip, promiscuidade repetitiva, pornografia na internet, dentre outros. Além disso, o comportamento hipersexual é classificado como vício comportamental ou distúrbio de controle de impulsos, embora ainda não haja consenso entre essas classificações (Alarcón et al., 2019).

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, versão cinco e revisada (DSM-5), não há um diagnóstico específico relacionado à hipersexualidade (Associação Americana de Psiquiatria, 2022). Por outro lado, na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, versão 11 (CID-11, World Health Organization, 2019) há a descrição do Transtorno do Comportamento Sexual Compulsivo como um diagnóstico clínico. Esse diagnóstico está em consonância com a maior disponibilidade de novas tecnologias, o que aumentou a ocorrência de comportamentos com potencial para se tornarem viciantes, como apostas online, cibersexo e compras (Alarcón et al., 2019).

Dentre esses possíveis comportamentos, o uso de pornografia tem ganhado destaque no mundo inteiro (Miller et al., 2020). Assim, o termo “uso problemático de pornografia online”, que está relacionado a comportamentos sexuais associados à tecnologia, é cada vez mais utilizado na literatura (Alarcón et al., 2019; Chen, 2022; Dalooi et al., 2023). Além disso, existem esforços crescentes para criar e validar instrumentos que mensurem esse comportamento (Böthe et al., 2017; Chen & Jiang, 2020), embora este termo ainda não esteja presente nos manuais diagnósticos (CID-11 e DSM-5). Esse é um tema relevante, pois há evidências de que o uso problemático de pornografia está associado à disfunção erétil (Jacobs

et al., 2021; Landripet & Stulhofer, 2015) e à insatisfação sexual (Blais-Lecours et al., 2016; Wright et al., 2018), assim como o comportamento hipersexual está relacionado à transtornos de ansiedade, transtornos de humor e transtorno por uso de substância (Starcevic & Khazaal, 2017).

No que diz respeito à prevalência, Alarcón et al. (2019) estimam que entre 3% e 6% da população pode ser acometida pelo transtorno hipersexual, caracterizado por comportamentos sexuais excessivos e impulsivos, incluindo o uso disfuncional da pornografia. De maneira complementar, Bóthe et al. (2024), em uma ampla amostra internacional, identificaram que o risco de uso problemático de pornografia varia entre 3,2% e 16,6%, a depender do instrumento utilizado para avaliação (Escala de Consumo Problemático de Pornografia, PPCS ou *Brief Pornography Screen*, BPS). Esses dados demonstram que, embora as estimativas variem, uma parcela significativa da população apresenta padrões de comportamento sexual associados a prejuízos funcionais ou sofrimento subjetivo.

Neste sentido, o comportamento sexual está presente em todos os tipos de mamíferos (Fisher, 1998). Ademais, o comportamento sexual humano é considerado um reforçador primário, ou seja, todos os indivíduos naturalmente herdam uma forte predisposição para serem reforçados a iniciar e continuar executando esse tipo de comportamento. Além disso, o comportamento sexual não precisa ser aprendido ou condicionado para que se torne reforçador para o organismo. Destaca-se ainda que o comportamento sexual é imprescindível para a perpetuação da espécie, mas não é necessário para a sobrevivência do indivíduo (Sanna, 2020). Dentro de uma perspectiva filogenética, um conceito importante para compreender a manifestação do comportamento sexual é o de incompatibilidade evolutiva. Isto é, um mecanismo que foi selecionado para aumentar a probabilidade de sobrevivência e reprodução diferenciais de uma espécie pode, em um novo contexto cultural e tecnológico, prejudicar a saúde dessa mesma espécie. Assim, o comportamento que foi selecionado em contextos nos

quais as oportunidades de acasalamento seriam limitadas e escassas, entretanto, com o desenvolvimento dos equipamentos eletrônicos, mais especificamente da internet de alta velocidade, o indivíduo tem acesso a “infinitos” parceiros sexuais o que pode acarretar comportamentos exagerados e consequentemente disfuncionais.

Fenômeno similar já foi descrito em modelos animais, por exemplo, há evidências de que roedores machos que têm acesso a múltiplas parceiras aumentam a sua motivação sexual, o que é verificado a partir de uma diminuição do tempo de latência entre as práticas sexuais (Ferreira-Nuño et al., 2010). Tal fenômeno é conhecido como efeito Coolidge, que basicamente consiste no restabelecimento da atividade sexual de um roedor pela adição de novos parceiros sexuais (Tlachi-López et al., 2012). Esse comportamento aparentemente possui função para a perpetuação da espécie, pois o comportamento sexual com diferentes parceiros aumentaria a probabilidade da passagem dos genes para novas gerações. Assim, é possível levantar a hipótese de que o uso de pornografia pelos humanos estaria criando um ambiente extremamente artificial que permitiria ao indivíduo “trocar” de parceiros de forma ilimitada.

Ademais, há outros fenômenos observados em modelos animais que ajudam a fazer inferências sobre o comportamento de consumo de pornografia em humanos, por exemplo, os estudos conduzidos por Tinbergen (1951) e Magnus (1958). Basicamente, os experimentadores criaram modelos de borboletas que possuíam características que atraem os machos artificialmente exageradas como as cores das asas e os padrões visuais. Esses padrões mais intensos levaram os machos a uma maior atração pelos modelos artificiais do que pelas borboletas normais. Como consequência disso, os machos apresentaram uma redução da procura pelo acasalamento com as borboletas normais, aparentemente o seu desejo de procriação com borboletas normais, que antes estava em um nível adequado, foi inibido pela presença dessas borboletas artificiais. Para descrever esse fenômeno usa-se o termo estímulo supranormal, i.e., estímulos artificiais e exagerados que reduzem a eficácia de estímulos

selecionados geneticamente ao longo da evolução. Nesse sentido, pode-se apontar que a pornografia é uma maneira de expor os indivíduos a estímulos supranormais, pois, em sua maioria, há representações extremas dos corpos e do ato sexual em si.

Ainda do ponto de vista biológico, mas em termos de causa próxima (ontogenia), pode-se analisar o consumo de conteúdo pornográfico a partir do triplo A (*accessibility, affordability, anonymity*, em inglês). Para Alarcón et al. (2019), esses aspectos favorecem o uso problemático da pornografia. Em primeiro lugar, há um amplo acesso à pornografia, pois qualquer pessoa com um aparelho eletrônico (computador, celular, tablet) e acesso à internet tem conteúdo dessa natureza disponível rapidamente. Em segundo lugar, há muito conteúdo gratuito ou a baixo custo. Por fim, o consumo de pornografia é, em sua maioria, anônimo, assim o indivíduo tem pouco contato com as consequências aversivas do seu uso (e.g., prejuízos acadêmicos/laborais e em relacionamentos interpessoais).

Para além das explicações para compreender o consumo de pornografia, é fundamental avaliar os efeitos psicológicos decorrentes dessa prática. Nesta direção, muitos estudos indicam alterações indiretas ou diretas nas funções executivas do indivíduo (Alarcón et al., 2019). O termo “funções executivas” é utilizado de maneira ampla e engloba diversas habilidades cognitivas superiores, relacionadas ao lobo frontal, que são extremamente importantes para que os humanos possam examinar, planejar e atingir objetivos. Entre essas habilidades é possível citar a memória de trabalho, planejamento, controle inibitório, raciocínio e resolução de problemas. O controle inibitório está relacionado a reter ou suprimir uma resposta que não é importante ou suprimir a recuperação de memórias que não são úteis naquele contexto, ou seja, o controle inibitório faz com que o indivíduo tenha recursos para inibir um comportamento que pode trazer consequências aversivas. A memória de trabalho está relacionada à capacidade de manter informações online enquanto se executa outras atividades cognitivas, então, a memória

de trabalho está envolvida com a capacidade de manter uma informação “ativa” no cérebro enquanto se trabalha com esta ou outras informações (Cristofori, 2019).

Neste sentido, estudos encontraram prejuízo nas funções executivas em indivíduos que receberam estímulos de conteúdo sexual em comparação a estímulos neutros, e.g., controle inibitório (Cheng & Chiou, 2018; Miner et al., 2009) e memória de trabalho (Laier et al., 2013). Ademais, também há evidências de que o comportamento hipersexual está relacionado a alterações nas funções executivas (Leppink et al., 2016; Reid et al., 2010). Também nessa direção, a revisão sistemática conduzida por Castro-Calvo et al. (2021) encontrou evidências da relação entre o uso problemático de pornografia com prejuízos no controle inibitório e na memória de trabalho.

Essas alterações nas funções executivas provavelmente têm relação com os impactos deste comportamento na região do córtex pré-frontal (Alarcón et al., 2019). Em convergência com essa hipótese, o estudo de Kuhn e Gallinat (2014) encontrou uma correlação negativa entre o consumo de pornografia e (1) o volume da massa cinzenta no núcleo caudado direito e (2) a conexão do núcleo caudado direito com o córtex pré-frontal dorsolateral, áreas cerebrais que contribuem para funções executivas.

Neste contexto, é válido destacar que a sexualidade é um elemento importante para geração e fortalecimento de vínculos nas relações amorosas humanas. Com o avanço das tecnologias, as mídias adquiriram a capacidade de influenciar os humanos a partir da informação que é compartilhada. A mídia sexual, influenciando a forma como a sexualidade é vivida e sendo altamente acessível, pode afetar a relação de apego entre os indivíduos (Butler et al., 2018). Assim, o apego ansioso e o apego evitativo são duas dimensões do apego inseguro (Wizła & Lewczuk, 2024). O apego evitativo está associado ao medo de intimidade, evitação de intimidade emocional e interdependência, enquanto o apego ansioso tem relação com medo do amor insuficiente, medo do abandono e busca de aprovação (Crowell et al., 2008).

O estudo de Wizła e Lewczuk (2024) encontrou uma relação positiva entre o apego ansioso e a dificuldade de regulação emocional com maiores índices de transtorno do comportamento sexual compulsivo e maiores índices de uso problemático de pornografia, enquanto o apego do tipo evitativo teve uma relação significativa com transtorno do comportamento sexual compulsivo. A respeito do apego ansioso, investigações como a de Nizaof et al. (2019) identificaram como um preditor significativo do uso intensivo de pornografia online, sugerindo que pessoas com maior ansiedade em relação aos vínculos afetivos podem recorrer ao uso da pornografia como forma de regulação emocional. Ademais, estudos apontam uma associação entre o apego ansioso e níveis mais elevados de impulsividade (Heim, 2015; Scott et al., 2009), embora não tenham encontrado relação entre o apego evitativo e a impulsividade.

Ainda sobre as relações de apego, Borawski et al. (2022) e Zhang et al. (2022) encontraram correlações negativas entre o estilo de apego inseguro, que inclui o apego ansioso ou evitativo, e maiores índices de solidão. Esses achados reforçam a importância de considerar dimensões relacionais, como os estilos de apego, na compreensão do consumo disfuncional de conteúdo pornográfico. Ademais, o modelo e os scripts relacionados à excessiva erotização, à objetificação e à misoginia compartilhados por essas mídias pode prejudicar a formação ou a manutenção de apegos, implicando em maiores índices de solidão em indivíduos que consomem este tipo de conteúdo (Butler et al., 2018). A solidão pode ser definida como uma emoção que está relacionada a uma necessidade não satisfeita de vínculos que proporcionem amor, segurança e proximidade (Mikulincer & Shaver, 2007). Ela aparece a partir do déficit de relacionamentos importantes e significativos.

Nessa direção, Butler et al. (2018) encontrou uma associação positiva e significativa entre o consumo de pornografia e a solidão. Essa é uma relação bidirecional, ou seja, aqueles que tinham contato com o material pornográfico foram mais propensos a experimentar a

solidão, já aqueles que sentiam solidão tinham mais probabilidade de consumir material pornográfico. Ademais, Cardoso et al. (2022) encontrou no seu trabalho que a solidão é um dos principais preditores de uso problemático de pornografia, junto com dificuldades na regulação emocional e o gênero. Além disso, Stavrova et al. (2022) concluiu em seu trabalho que baixos níveis de autocontrole podem levar a níveis menos satisfatórios nas relações sociais, o que pode gerar níveis mais elevados de solidão.

A respeito da solidão, Ben-Zur (2012) investigou a relação entre solidão, otimismo e bem-estar em indivíduos casados, divorciados e viúvos. Os resultados indicaram que adultos divorciados e viúvos apresentaram níveis mais elevados de solidão e menor satisfação com a vida, em comparação aos casados. Nesse contexto, Pidgeon e Giufre (2014) encontram que solteiros e divorciados tendem a apresentar maior ansiedade e evitação no apego, com resiliência funcionando como fator mediador. Esses achados sugerem que aspectos relacionais e emocionais podem estar interligados de maneira complexa, influenciando a forma como os indivíduos se vinculam ao longo da vida.

Embora estudos anteriores tenham identificado associações entre o consumo de pornografia, impulsividade, solidão e estilos de apego, ainda são escassas as investigações que analisam simultaneamente essas variáveis em um modelo integrativo. Frente a essa lacuna, o presente estudo teve como objetivo investigar as relações entre o consumo de pornografia, impulsividade, solidão e os estilos de apego ansioso e evitativo. Acredita-se que o consumo de pornografia esteja positivamente correlacionado com níveis mais elevados de impulsividade, solidão e apego inseguro (ansioso e evitativo). Além disso, hipotetiza-se que impulsividade, solidão e estilos de apego inseguro também estejam correlacionados positivamente entre si.

2. Método

2.1. Participantes

Cento e setenta e dois (172) adultos, com idade média igual a 25,8 anos ($DP = 7,7$), participaram do estudo, cuja coleta de dados ocorreu exclusivamente de maneira remota (online). A amostra foi obtida por conveniência, com o convite para participação sendo publicado em redes sociais. A Tabela 1 apresenta as características da amostra. Antes de iniciar sua participação no experimento, todos os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFU (CAAE: 82657024.0.0000.5152), conforme as normas vigentes no Brasil sobre estudos com humanos.

2.2. Material e Instrumentos

Foi utilizado um questionário inicial com perguntas sobre idade, gênero, a região onde nasceu e região onde mora atualmente, raça, estado civil, nível de escolaridade e status social percebido (escala MacArthur). As seguintes escalas de autorrelato também foram utilizadas:

1) Escala de consumo problemático de pornografia (PPCS, Bóthe et al., 2017), composta por 18 itens divididos igualmente em 6 dimensões: saliência, modificação do humor, conflito, tolerância, recaída e abstinência. A avaliação é realizada a partir de uma escala de 7 pontos de “nunca” a “o tempo todo”, em que maior a pontuação, maior é a concordância com o item descrito. A consistência interna total medida pelo alfa de Cronbach foi igual a 0,93.

2) Versão abreviada da Escala de Impulsividade (ABIS, De Paula et al., 2020), composta por 13 itens e com uma estrutura fatorial de três componentes: atenção, não planejamento e impulsividade motora. A mensuração é feita através de uma escala que vai de “raramente/nunca” a “sempre/quase sempre”, respectivamente). Quanto menor o escore, menor é a concordância do participante com o fator avaliado. A confiabilidade calculada pelo alfa de Cronbach, foi de 0,87, apresentando uma consistência interna aceitável.

Tabela 1

Caracterização da Amostra (n = 172) em Relação aos Dados Sociodemográficos.

Variável sociodemográfica	n	%
Gênero		
Feminino	99	57,5
Masculino	72	41,9
Não binário	1	0,6
Idade (M = 25,8; DP = 7,7)		
≤ 25	115	66,9
26-35	40	23,2
36-45	10	5,8
> 45	7	4,1
Região onde nasceu		
Centro-Oeste	17	9,9
Nordeste	10	5,8
Norte	4	2,3
Sudeste	120	69,8
Sul	21	12,2
Região onde mora atualmente		
Centro-Oeste	11	6,4
Nordeste	10	5,8
Norte	4	2,4
Sudeste	127	73,8
Sul	20	11,6
Estado civil		
Casado(a) / União estável / Amasiado(a)	28	16,3
Divorciado(a) / Separado(a)	4	2,4
Relacionamento sério	44	25,5
Solteiro(a)	96	55,8
Raça		
Amarelo	1	0,6
Branco	100	58,1
Indígena	2	1,2
Pardo	56	32,5
Preto	13	7,6
Nível de escolaridade		
Ensino fundamental completo	2	1,2
Ensino médio completo	36	20,9
Ensino superior incompleto	80	46,5
Ensino superior completo	54	31,4
Status socioeconômico percebido (M = 5,6; DP = 1,6; Med = 6)		

3) A Escala Brasileira de Solidão (UCLA- BR, Barroso et al., 2016) possui 20 itens. As alternativas de respostas são avaliadas através de escala likert com quatro pontos. O número 0 equivale a “nunca”, 1 para “raramente”, 2 para “algumas vezes” e 3 para “frequentemente”. Escores mais elevados significam maior concordância com o fator avaliado. O alfa de Cronbach foi de 0,94, o que indica uma boa consistência interna.

4) A Escala Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida (ECR-R-Brasil, Natividade & Shiramazu, 2015) possui 10 itens divididos igualmente em duas dimensões: ansiedade relacionada ao apego e evitação relacionada ao apego. A avaliação é realizada através de uma escala de 7 pontos, indo de “discordo totalmente” (1) à “Concordo totalmente” (7). Quanto maior o escore, mais os participantes concordam com o item descrito e maiores escores também indicam maiores níveis de ansiedade e evitação em relação ao apego. Para a dimensão ansiedade e para dimensão evitação, o coeficiente de alfa de Cronbach foi de 0,73, indicando uma consistência interna aceitável.

2.3. Procedimento

No convite da pesquisa, que foi publicado em redes sociais, havia um link que direcionava o participante para um formulário online. Neste, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Caso o participante estivesse de acordo com as informações apresentadas, ele marcava a opção de concordância com o TCLE. Somente após esta etapa, o participante tinha acesso ao questionário inicial com informações sociodemográficas e aos instrumentos de autorrelato (ABIS, UCLA-BR, ECR-R e PPCS), os quais eram respondidos sempre nesta mesma ordem. O tempo médio para completar todas essas etapas foi de 25 minutos.

2.4. Análise de dados

As variáveis do estudo foram os níveis de impulsividade, de solidão, de apego e de consumo problemático de pornografia. A normalidade dos escores totais e dos escores dos fatores foi verificada por meio do teste de Shapiro-Wilk. Foram calculadas as médias, os desvios-padrão e as medianas dessas variáveis, as quais também foram submetidas à correlação de Spearman. As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do programa JASP (versão 0.19.3).

3. Resultados

3.1. Níveis de consumo problemático de pornografia

A análise da escala PPCS indicou um escore total médio igual a 37,74 (DP = 22,45) e uma mediana igual a 28,00. O escore total médio dos homens foi igual a 54,35 (DP = 23,88) e a mediana foi igual a 53,00. Em contraste, o escore total médio das mulheres foi igual a 25,72 (DP = 10,81) e a mediana foi igual a 21,00. O teste de Mann-Whitney revelou que essa diferença no escore entre homens e mulheres é estatisticamente significativa ($U = 934,50$; $p < 0,001$). Destaca-se que escores iguais ou acima de 76 indicam que a pessoa está sob o risco de uso problemático de pornografia, o que foi observado em 16 participantes da amostra, todos do sexo masculino.

O teste de Kruskal-Wallis também revelou uma diferença estatisticamente significativa no consumo problemático de pornografia, em função do estado civil dos participantes ($H = 18,421$, g.l. = 3, $p < 0,001$). O post hoc de Dunn revelou que os solteiros ($M = 43,84$; DP = 24,84) apresentaram escores significativamente mais altos do que os casados ($M = 26,93$; DP = 15,64; $p < 0,001$) e do que os participantes em relacionamento sério ($M = 31,52$; DP = 16,48; $p = 0,005$). Os outros pares de comparação não foram estatisticamente significativos ($p > 0,05$).

A seguir são apresentadas a média, o desvio-padrão e a mediana dos 6 componentes da escala, que descrevem comportamentos associados ao consumo problemático de pornografia: “Saliência” (importância da pornografia na vida do indivíduo, $M = 5,98$; DP = 3,37; Med = 5,00); “Modificação do Humor” (consumo da pornografia para diminuir os sentimentos negativos, $M = 6,76$; DP = 4,12; Med = 5,00); “Conflito” (problemas nos relacionamentos em razão do consumo de pornografia, $M = 6,94$; DP = 5,14; Med = 4,00); “Tolerância” (aumento no consumo para obter a mesma satisfação prévia, $M = 6,10$; DP = 4,62; Med = 3,00); “Recaída” (esforços malsucedidos em diminuir ou parar o consumo de pornografia, $M = 6,76$; DP = 5,19; Med = 4,00); e “Abstinência” (sofrimento psicológico na ausência do consumo de

pornografia, $M = 5,20$; $DP = 3,32$; $Med = 4,00$). Assim como para o escore total, os homens apresentam escores mais altos do que as mulheres em todos os componentes, sendo essa diferença estatisticamente significativa, o que foi verificado com testes de Mann-Whitney ($p < 0,001$).

3.2. Níveis de impulsividade

A análise da versão abreviada da Escala de Impulsividade (ABIS) indicou um escore médio total igual a 2,14 ($DP = 0,5$) e uma mediana igual a 2,08. Nota-se que esses valores estão próximos ao ponto médio da escala, que varia de 1 a 4. O teste de Mann-Whitney não revelou diferença significativa no escore total de impulsividade entre homens e mulheres ($U = 3903,00$; $p = 0,289$).

Com relação aos três componentes da escala, os dados são apresentados a seguir: “Atenção” ($M = 2,25$; $DP = 0,58$; $Med = 2,20$); “Não-Planejamento” ($M = 2,13$; $DP = 0,65$; $Med = 2,00$); e “Impulsividade Motora” ($M = 2,01$; $DP = 0,65$; $Med = 2,00$). Observa-se que o componente da impulsividade com maior escore foi a “Atenção”, embora os escores dos três componentes estejam próximos ao ponto médio da escala. O teste de Mann-Whitney não indicou diferenças significativas nos escores dos componentes entre homens e mulheres (Atenção: $U = 4093,50$; $p = 0,096$; Não-Planejamento: $U = 3093,00$; $p = 0,138$; e Impulsividade Motora: $U = 4126,00$; $p = 0,074$). Também se verificou que a distribuição do escore total e dos escores parciais dos três componentes da impulsividade não cumpre os requisitos de normalidade, os quais foram verificados por meio do teste de Shapiro-Wilk ($p < 0,001$).

3.3. Níveis de solidão

A escala UCLA-BR é unidimensional e, portanto, permite o cálculo de um escore total que representa o nível de solidão experimentado pelo participante. O escore total médio foi

igual a 24,27 (DP = 13,67) e mediana igual a 24,00. Esses dados sugerem que a amostra do presente estudo apresenta baixos níveis de solidão, visto que a média e a mediana estão abaixo do ponto médio da escala (30).

O escore total permite também classificar o nível de solidão em 4 categorias: mínima (0 a 22), leve (23 a 35), moderada (36 a 47) e intensa (48 a 60). A maioria dos participantes foi classificada como tendo nível mínimo ($n = 81$; 47,1%) e nível leve ($n = 56$; 32,6%) de solidão. Por outro lado, aproximadamente 20% da amostra apresentou nível moderado e intenso de solidão ($n = 25$; 14,5% e $n = 10$; 5,8%, respectivamente). O teste de Shapiro-Wilk indicou que os dados não têm uma distribuição normal ($p = 0,008$).

O teste de Mann-Whitney não indicou diferença significativa no escore total de solidão entre homens e mulheres ($U = 3997,00$; $p = 0,176$). No entanto, o teste de Kruskal-Wallis indicou revelou uma diferença nos níveis de solidão, em função do estado civil dos participantes ($H = 13,745$, g.l. = 3, $p = 0,003$). O post hoc de Dunn revelou que os divorciados/separados ($M = 35,00$; DP = 4,55) apresentaram escores mais elevados de solidão do que os casados ($M = 17,61$; DP = 13,92; $p = 0,007$) e do que os participantes em relacionamento sério ($M = 22,89$; DP = 14,18; $p = 0,040$). Além disso, também foi observado que os solteiros apresentaram maiores níveis de solidão ($M = 26,41$; DP = 12,89) em relação aos casados ($p = 0,002$). Os outros pares de comparação não foram estatisticamente significativos ($p > 0,05$).

3.4. Níveis de apego

A escala ECR-R não permite o cálculo de um escore total, mas sim o cálculo do escore de duas dimensões: “Ansiedade Relacionada ao Apego” e “Evitação Relacionada ao Apego”. Os dados indicaram escore médio maior para a dimensão “Ansiedade Relacionada ao Apego” com média igual a 3,94 (DP = 1,46; Med = 4,00), valor próximo ao ponto médio da escala (4),

em comparação com o escore médio para a dimensão “Evitação Relacionada ao Apego” com média igual a 2,42 (DP = 1,10; Med = 2,20). Para ambas as dimensões, os dados não têm distribuição normal ($p = 0,010$ e $p < 0,001$, respectivamente), a qual foi verificada pelo teste de Shapiro-Wilk.

Os dados foram submetidos ao teste de Mann-Whitney para verificar se homens e mulheres possuíam níveis diferentes de ansiedade e de evitação relacionadas ao apego. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($U = 4025,00$; $p = 0,149$ e $U = 3199,50$; $p = 0,254$). Por outro lado, o teste de Kruskal-Wallis mostrou que o estado civil dos participantes modula o nível de ansiedade ($H = 13,982$, g.l. = 3, $p = 0,003$) e de evitação ($H = 14,469$, g.l. = 3, $p = 0,002$) relacionadas ao apego. O post hoc de Dunn revelou que os solteiros têm maiores níveis de ansiedade e de evitação relacionadas ao apego ($M = 4,28$; DP = 1,43 e $M = 2,71$; DP = 1,15, respectivamente) em comparação com os casados ($M = 3,19$; DP = 1,46; $p < 0,001$ e $M = 2,01$; DP = 0,90; $p = 0,003$, respectivamente) e com os participantes em relacionamento sério ($M = 3,66$; DP = 1,27; $p = 0,025$ e $M = 2,09$; DP = 0,97; $p = 0,002$, respectivamente). Os outros pares de comparação, tanto para a ansiedade quanto para a evitação relacionadas ao apego não foram estatisticamente significativos ($p > 0,05$).

3.5. Associações entre as variáveis

Os dados foram submetidos a análises de correlação de Spearman para verificar possíveis associações entre as variáveis. Observou-se que as seis dimensões do consumo problemático de pornografia e seu escore total correlacionaram-se de maneira positiva e significativa com a dimensão de Não-Planejamento da impulsividade ($p < 0,05$ e $\rho = 0,252$; $p < 0,001$, respectivamente) e com os níveis de solidão ($p < 0,05$ e $\rho = 0,244$; $p = 0,001$, respectivamente). Já os níveis de impulsividade (escore total da ABIS) correlacionam-se

positiva e significativamente com a dimensão Tolerância do nível de consumo problemático de pornografia ($\rho = 0,164$; $p = 0,032$).

Por sua vez, observou-se correlações positivas e significativas da ansiedade relacionada ao apego com as dimensões Tolerância ($\rho = 0,168$; $p = 0,028$), Modificação do Humor ($\rho = 0,187$; $p = 0,014$), Conflito ($\rho = 0,180$; $p = 0,018$) e Recaída ($\rho = 0,172$; $p = 0,024$) do consumo problemático de pornografia e com seu escore total ($\rho = 0,173$; $p = 0,023$). Ademais, a evitação relacionada ao apego está correlacionada de maneira positiva e significativa com as dimensões Tolerância ($\rho = 0,174$; $p = 0,023$) e Modificação do Humor ($\rho = 0,168$; $p = 0,028$) da escala de consumo problemático de pornografia.

No que diz respeito às correlações entre as variáveis impulsividade, solidão e apego, observou-se que as três dimensões da impulsividade e seu escore total correlacionaram-se positiva e significativamente com os níveis de solidão (Atenção: $\rho = 0,368$, $p < 0,001$; Impulsividade Motora: $\rho = 0,309$, $p < 0,001$; Não-Planejamento: $\rho = 0,270$, $p < 0,001$; e escore total: $\rho = 0,396$, $p < 0,001$). Também foram observadas correlações positivas e significativas da ansiedade relacionada ao apego com as dimensões da Atenção ($\rho = 0,280$; $p < 0,001$), da Impulsividade Motora ($\rho = 0,280$; $p < 0,001$) e com seu escore total ($\rho = 0,306$; $p < 0,001$). Em contraste, a dimensão de Não-Planejamento da impulsividade correlacionou-se de maneira positiva e significativa com a evitação relacionada ao apego ($\rho = 0,159$; $p = 0,037$). Por fim, a análise também revelou que os níveis de solidão se correlacionam positiva e significativamente com a ansiedade e a evitação relacionadas ao apego ($\rho = 0,525$; $p < 0,001$; e $\rho = 0,199$; $p = 0,009$, respectivamente). Todas as outras correlações entre as variáveis não foram estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

4. Discussão

O estudo teve como objetivo investigar as relações entre o consumo de pornografia, impulsividade, a solidão e o apego. A hipótese principal era a de que houvesse uma correlação positiva entre o consumo de pornografia e (1) a impulsividade, (2) a solidão, e (3) o apego evitativo e o apego ansioso. Além disso, postulou-se que as variáveis impulsividade, solidão, apego evitativo e ansioso também estariam correlacionadas positivamente entre si. Os resultados forneceram evidências favoráveis às hipóteses, com destaque para as associações significativas entre os níveis de consumo de pornografia com a dimensão Não-Planejamento da impulsividade e com a solidão.

Os resultados revelaram uma relação positiva e significativa entre a dimensão de não-planejamento da **impulsividade** com todas as seis dimensões do **consumo problemático de pornografia**, bem como com o escore total da escala. Esse achado é consistente com a literatura científica, que aponta a impulsividade como um fator relevante para comportamentos sexuais disfuncionais. Estudos como os de Miner et al. (2009) e Cheng e Chiou (2018) identificaram uma associação significativa entre impulsividade e comportamentos hipersexuais, sugerindo que indivíduos impulsivos tendem a apresentar maior dificuldade em inibir ou postergar comportamentos motivados por recompensas imediatas, como o uso de pornografia. Essa dificuldade em planejar e controlar comportamentos está alinhada com modelos teóricos que descrevem a impulsividade como um traço de vulnerabilidade central em diversos transtornos de controle de impulso e comportamentos aditivos (Mitchell & Potenza 2010).

Além disso, verificou-se que as seis dimensões do consumo problemático de pornografia, bem como o escore total da escala, apresentaram correlações positivas e significativas com os níveis de solidão. Esse achado está em consonância com o estudo de Butler et al. (2018), que também identificou uma associação significativa entre o consumo de pornografia e a solidão. Nesse sentido, Cardoso et al. (2022) apontaram a solidão como um dos

principais preditores do uso problemático de pornografia. Esses resultados reforçam a hipótese de que a pornografia pode ser utilizada, por alguns indivíduos, como uma estratégia de enfrentamento frente ao isolamento social e às dificuldades na construção de vínculos afetivos significativos.

Observou-se correlações positivas e significativas entre a ansiedade relacionada ao apego e as dimensões de Tolerância, Modificação do Humor, Recaída e o escore total da escala de consumo problemático de pornografia. Esses resultados são consistentes com a literatura, como o estudo de Nizaof et al. (2019), que identificou o apego ansioso como um preditor significativo do uso intensivo de pornografia online. De modo semelhante, Wizła e Lewczuk (2024) encontraram associações positivas entre o apego ansioso, o uso problemático de pornografia e o comportamento sexual compulsivo. Além disso, a evitação relacionada ao apego também se correlacionou positivamente com as dimensões de Tolerância e Modificação do Humor da escala de consumo problemático de pornografia. No entanto, essa associação não foi identificada nos estudos mencionados, o que pode ser atribuído a diferenças metodológicas, como o perfil amostral ou os instrumentos utilizados. Esses resultados sugerem que tanto o apego ansioso quanto o evitativo podem desempenhar papéis distintos, porém relevantes, na compreensão do consumo problemático de pornografia.

No que diz respeito às variáveis secundárias, os resultados revelaram correlações positivas e significativas entre os níveis de solidão e as três dimensões da impulsividade e seu score total. De forma geral, o escore total de impulsividade demonstrou uma associação positiva com a solidão, indicando que maiores níveis de impulsividade tendem a estar relacionados a maiores sentimentos de solidão. Esse padrão está em consonância com os resultados de Stavrova et al. (2022), que apontam que o baixo autocontrole pode comprometer as interações sociais e os vínculos afetivos, contribuindo para experiências de desconexão social. A impulsividade, nesse contexto, pode dificultar a capacidade de lidar de forma

adaptativa com frustrações e conflitos interpessoais, favorecendo o isolamento e a sensação de não pertencimento.

Adicionalmente, o estudo encontrou correlações positivas e significativas da ansiedade relacionada ao apego com as dimensões da atenção, da impulsividade motora e com escore total da impulsividade. Esses dados vão na mesma direção de outros estudos realizados previamente como Scott et al. (2009) e Heim (2015). Por outro lado, o presente estudo encontrou uma correlação positiva entre a dimensão de Não-Planejamento da impulsividade com a evitação relacionada ao apego, o que diverge dos achados de Scott et al. (2009) e Heim (2015). Dentre as possíveis hipóteses explicativas, pode-se citar os diferentes instrumentos utilizados ou as diferenças culturais entre as amostras.

A análise também revelou que os níveis de solidão se correlacionam de forma positiva e significativa com os estilos de apego ansioso e evitativo. Esse resultado está em consonância com estudos anteriores, como o de Borawski et al. (2022), que identificaram que indivíduos com apego ansioso ou evitativo tendem a apresentar níveis mais elevados de solidão, possivelmente devido a menores níveis de inteligência emocional, o que dificulta suas interações sociais. De forma semelhante, Zhang et al. (2022), em uma revisão sistemática, encontraram associações negativas entre os estilos de apego inseguro (ansioso e evitativo) e o bem-estar emocional, observando correlações com afetos negativos como solidão, depressão e ansiedade.

Ademais, os resultados revelam que indivíduos divorciados ou separados apresentam níveis de solidão significativamente mais elevados do que aqueles casados e em relacionamento sério. Esse resultado está em concordância com o estudo de Ben-Zur (2012), que investigou a relação entre solidão, otimismo e bem-estar em indivíduos casados, divorciados e viúvos. Além disso, os resultados indicam que solteiros têm maiores níveis de apego inseguro em relação aos casados ou indivíduos em relacionamentos sérios. O resultado

vai em direção à literatura, por exemplo Pidgeon e Giufre (2014), os quais indicam que estados civis como solteiro ou divorciado predizem maior ansiedade e evitação no apego, com resiliência funcionando como fator mediador.

Os achados deste estudo indicaram que a quantidade de participantes sob risco de uso problemático de pornografia foi compatível com o que já vem sendo apontado em pesquisas anteriores. Por exemplo, Alarcón et al. (2019) destacam a presença significativa de comportamentos associados ao transtorno hipersexual na população, enquanto Bóthe et al. (2024) identificaram que o risco de uso problemático de pornografia é uma realidade observada em diferentes contextos culturais e demográficos. Além disso, os resultados evidenciaram uma diferença significativa entre homens e mulheres no que se refere aos escores da escala PPCS, com os homens apresentando níveis mais elevados. Esse padrão está em consonância com estudos anteriores, como os de Solano et al. (2018), Regnerus et al. (2015) e Okabe et al. (2021), que indicam que o consumo de pornografia tende a ser mais frequente entre homens, o que pode estar relacionado a fatores socioculturais.

Dentre as limitações deste estudo, destaca-se o fato de que não foi avaliado se os participantes tiveram problemas com consumo de pornografia anteriormente, apenas transversalmente no momento da pesquisa. Além disso, não foi avaliado nos questionários se os participantes já realizaram algum tipo de tratamento médico ou psicológico para lidar com a questão do uso da pornografia. Pesquisas futuras podem incluir essas variáveis, a fim de obter um panorama mais abrangente do histórico de consumo e das estratégias de enfrentamento utilizadas. Nesse sentido, estudos futuros também podem investigar amostras com alto índice de consumo de pornografia para obter informações mais específicas sobre esse comportamento.

Por fim, o consumo de pornografia tem aumentado significativamente em escala global. Essa característica, aliada a fatores predisponentes, pode impactar negativamente a saúde mental de uma parcela considerável da população. Compreender o perfil dessas pessoas pode

favorecer intervenções mais eficazes e um apoio mais direcionado. Além disso, o acesso precoce à internet e, conseqüentemente, à pornografia, é uma realidade crescente, e os possíveis efeitos desse consumo sobre o desenvolvimento neurológico e emocional ainda são pouco compreendidos. Nesse sentido, torna-se fundamental investigar como essas mudanças podem afetar a saúde mental geral da população ao longo do tempo.

5. Referências

- Associação Americana de Psiquiatria. (2022). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed., texto revisado). Artmed.
- Barroso, S. M., Andrade, V. S., Midgett, A. H., & Carvalho, R. G. N. (2016). Evidências de validade da Escala Brasileira de Solidão UCLA. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 65(1), 68-75. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000105>
- Ben-Zur H. (2012). Loneliness, optimism, and well-being among married, divorced, and widowed individuals. *The Journal of psychology*, 146(1-2), 23–36. <https://doi.org/10.1080/00223980.2010.548414>
- Blais-Lecours, S., Vaillancourt-Morel, M. P., Sabourin, S., & Godbout, N. (2016). Cyberpornography: Time Use, Perceived Addiction, Sexual Functioning, and Sexual Satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 19(11), 649–655. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0364>
- Borawski, D., Sojda, M., Rychlewska, K., & Wajs, T. (2022). Attached but Lonely: Emotional Intelligence as a Mediator and Moderator between Attachment Styles and Loneliness. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(22), 14831. <https://doi.org/10.3390/ijerph192214831>
- Bóthe, B., Nagy, L., Koós, M., Demetrovics, Z., Potenza, M. N., International Sex Survey Consortium, & Kraus, S. W. (2024). Problematic pornography use across countries, genders, and sexual orientations: Insights from the International Sex Survey and comparison of different assessment tools. *Addiction (Abingdon, England)*, 119(5), 928–950. <https://doi.org/10.1111/add.16431>
- Bóthe, B., Tóth-Király, I., Zsila, Á., Griffiths, M. D., Demetrovics, Z., & Orosz, G. (2017). The development of the problematic pornography consumption scale (PPCS). *The Journal of Sex Research*, 54(4), 508-518. <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1291798>

- Butler, M. H., Pereyra, S. A., Draper, T. W., Leonhardt, N. D., & Skinner, K. B. (2018). Pornography Use and Loneliness: A Bidirectional Recursive Model and Pilot Investigation. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 44(2), 127–137. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2017.1321601>
- Chen, L., & Jiang, X. (2020). The Assessment of Problematic Internet Pornography Use: A Comparison of Three Scales with Mixed Methods. *International journal of environmental research and public health*, 17(2), 488. <https://doi.org/10.3390/ijerph17020488>
- Chen, L. (2022). Problematic Pornography Use in China. *Current Addiction Reports*, 9(2), 80–85. [https://doi.org/10.1007/s40429-022-00408-9\[1\]](https://doi.org/10.1007/s40429-022-00408-9[1])
- Cheng, W., & Chiou, W. B. (2018). Exposure to Sexual Stimuli Induces Greater Discounting Leading to Increased Involvement in Cyber Delinquency Among Men. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 21(2), 99–104. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0582>
- Cristofori, I., Cohen-Zimmerman, S., & Grafman, J. (2019). Executive functions. *Handbook of Clinical Neurology*, 163, 197–219. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-804281-6.00011-2>
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 599–634). The Guilford Press.
- Dalooyi, S. I., Aghamohammadian Sharbaaf, H., Abdekhodaei, M. S., & Ghanaei Chamanabad, A. (2023). Biopsychosocial Determinants of Problematic Pornography Use: A Systematic Review. *Addiction & Health*, 15(3), 202–218. <https://doi.org/10.34172/ahj.2023.1395>
- De Alarcón, R., de la Iglesia, J. I., Casado, N. M., & Montejo, A. L. (2019). Online Porn Addiction: What We Know and What We Don't-A Systematic Review. *Journal of clinical medicine*, 8(1), 91. <https://doi.org/10.3390/jcm8010091>

- De Paula, J. J., Costa, D. S., Miranda, D. M., & Romano-Silva, M. A. (2020). The abbreviated version of the Barratt Impulsiveness Scale (ABIS): Psychometric analysis, reliable change indexes in clinical practice and normative data. *Psychiatry Research*, 291, 113120. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113120>
- Dwulit, A. D., & Rzymiski, P. (2019). Prevalence, Patterns and Self-Perceived Effects of Pornography Consumption in Polish University Students: A Cross-Sectional Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(10), 1861. <https://doi.org/10.3390/ijerph16101861>
- Eljawad, M. A., Se'eda, H., Ghazy, S., El-Qushayri, A. E., Elsherif, A., Elkassar, A. H., Atta-Allah, M. H., Ibrahim, W., Elmahdy, M. A., & Islam, S. M. S. (2021). Pornography Use Prevalence and Associated Factors in Arab Countries: A Multinational Cross-Sectional Study of 15,027 Individuals. *The Journal of Sexual Medicine*, 18(3), 539–548. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2020.12.011>
- Ferreira-Nuño, A., Fernández-Soto, C., Olayo-Lortia, J., Ramirez-Carreto, R., Paredes, R., Velázquez-Moctezuma, J., & Morales-Otal, A. (2010). Copulatory pattern of male rats in a multiple partner choice arena. *The Journal of Sexual Medicine*, 7(12), 3845-3856. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2010.01746.x>
- Fisher, H. (1998). Lust, attraction, and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature*, 9, 23-52. <https://doi.org/10.1007/s12110-998-1010-5>
- Heim, C. (2015). Adult attachment styles and psychopathic traits: A relationship mediated by empathy and emotional regulation? [Master's thesis, University of South Carolina – Aiken]. USC Aiken Psychology Theses. https://scholarcommons.sc.edu/aiken_psychology_theses/25
- Jacobs, T., Geysemans, B., Van Hal, G., Glazemakers, I., Fog-Poulsen, K., Vermandel, A., De Wachter, S., & De Win, G. (2021). Associations Between Online Pornography

- Consumption and Sexual Dysfunction in Young Men: Multivariate Analysis Based on an International Web-Based Survey. *JMIR Public Health and Surveillance*, 7(10), e32542. <https://doi.org/10.2196/32542>
- Kühn, S., & Gallinat, J. (2014). Brain structure and functional connectivity associated with pornography consumption: the brain on porn. *JAMA Psychiatry*, 71(7), 827-834. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2014.93>
- Laier, C., Schulte, F. P., & Brand, M. (2013). Pornographic picture processing interferes with working memory performance. *Journal of Sex Research*, 50(7), 642-652. <https://doi.org/10.1080/00224499.2012.716873>
- Landripet, I., & Štulhofer, A. (2015). O uso da pornografia está associado a dificuldades e disfunções sexuais entre homens heterossexuais mais jovens?. *O Jornal de Medicina Sexual*, 12(5), 1136–1139. <https://doi.org/10.1111/jsm.12853>
- Leppink, E. W., Chamberlain, S. R., Redden, S. A., & Grant, J. E. (2016). Problematic sexual behavior in young adults: Associations across clinical, behavioral, and neurocognitive variables. *Psychiatry Research*, 246, 230–235. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2016.09.044>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. The Guilford Press.
- Miner, M. H., Raymond, N., Mueller, B. A., Lloyd, M., & Lim, K. O. (2009). Preliminary investigation of the impulsive and neuroanatomical characteristics of compulsive sexual behavior. *Psychiatry Research*, 174(2), 146–151. <https://doi.org/10.1016/j.psychresns.2009.04.008>
- Miller, D. J., Raggatt, P. T. F., & McBain, K. (2020). A literature review of studies into the prevalence and frequency of men's pornography use. *American Journal of Sexuality Education*, 15(4), 502-529. <https://doi.org/10.1080/15546128.2020.1831676>

- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida (ECR-R-Brasil). *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 26(3), 484-494. <http://dx.doi.org/10.5935/1679-4427.20150056>
- Niazof, D., Weizman, A., & Weinstein, A. (2019). *The contribution of ADHD and attachment difficulties to online pornography use among students. Comprehensive Psychiatry*, 93, 56–60. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2019.07.002>
- Pidgeon, A. M., & Giufre, A. C. (2014). Shoulda'put a ring on it: investigating adult attachment, relationship status, anxiety, mindfulness, and resilience in romantic relationships. *Open Journal of Social Sciences*, 2(11), 32-40. <http://dx.doi.org/10.4236/jss.2014.211005>
- Reid, R. C., Karim, R., McCrory, E., & Carpenter, B. N. (2010). Self-reported differences on measures of executive function and hypersexual behavior in a patient and community sample of men. *The International Journal of Neuroscience*, 120(2), 120–127. <https://doi.org/10.3109/00207450903165577>
- Regnerus, M., Gordon, D., & Price, J. (2016). Documenting Pornography Use in America: A Comparative Analysis of Methodological Approaches. *Journal of Sex Research*, 53(7), 873–881. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1096886>
- Sanna, F., Porcu, P., & Fattore, L. (2020). Editorial: sexual behavior as a model for the study of motivational drive and related behaviors. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 14, 121. <https://doi.org/10.3389/fnbeh.2020.00121>
- Scott, L. N., Levy, K. N., & Pincus, A. L. (2009). Adult attachment, personality traits, and borderline personality disorder features in young adults. *Journal of personality disorders*, 23(3), 258–280. <https://doi.org/10.1521/pedi.2009.23.3.258>

- Semrush. (2024, Julho 29). *Principais sites no seguinte país: Todos os países (Todos os setores)*. Sites de mais visitados em 2024 no seguinte país: Todos os países. <https://pt.semrush.com/trending-websites/global/all>
- Semrush. (2024, Julho 29). *Principais sites no seguinte país: Brasil (Todos os setores)*. Sites de mais visitados em 2024 no seguinte país: Brasil. <https://pt.semrush.com/trending-websites/br/all>
- Solano, I., Eaton, N. R., & O'Leary, K. D. (2020). Pornography Consumption, Modality and Function in a Large Internet Sample. *Journal of Sex Research*, 57(1), 92–103. <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1532488>
- Starcevic, V., & Khazaal, Y. (2017). Relationships between Behavioural Addictions and Psychiatric Disorders: What Is Known and What Is Yet to Be Learned?. *Frontiers in Psychiatry*, 8, 53. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2017.00053>
- Stavrova, O., Ren, D., & Pronk, T. (2022). Low self-control: A hidden cause of loneliness? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 48(3), 347–362. <https://doi.org/10.1177/01461672211007228>
- Tlachi-López, J. L., Eguibar, J. R., Fernández-Guasti, A., & Lucio, R. A. (2012). Copulation and ejaculation in male rats under sexual satiety and the Coolidge effect. *Physiology & Behavior*, 106(5), 626–630. <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2012.04.020>
- Wizła, M., & Lewczuk, K. (2024). The Associations Between Attachment Insecurity and Compulsive Sexual Behavior Disorder or Problematic Pornography Use: The Mediating Role of Emotion Regulation Difficulties. *Archives of sexual behavior*, 10.1007/s10508-024-02904-7. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10508-024-02904-7>
- World Health Organization. (2019). *International classification of diseases for mortality and morbidity statistics* (11th ed.). <https://icd.who.int/en>

- Wright, P. J., Bridges, A. J., Sun, C., Ezzell, M. B., & Johnson, J. A. (2018). Personal Pornography Viewing and Sexual Satisfaction: A Quadratic Analysis. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 44(3), 308–315. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2017.1377131>
- Zhang, X., Li, J., Xie, F., Chen, X., Xu, W., & Hudson, N. W. (2022). The relationship between adult attachment and mental health: A meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 123(5), 1089–1137. <https://doi.org/10.1037/pspp0000437>